

Cotidiano de Porto Alegre nas Lentes de um Escritor-Taxista: Crônicas Visuais do Taxitramas

Resumo: Esse ensaio representa uma curadoria do projeto Taxitramas, idealizado pelo taxista e escritor Mauro Castro. A iniciativa dialoga com a produção literária e fotográfica de Mauro, ambas diretamente relacionadas com o trabalho cotidiano de percorrer e narrar a cidade de Porto Alegre (RS).

Palavras chave: Antropologia Urbana; Antropologia Visual; Taxitramas; Mauro Castro.

Porto Alegre day life through the lens of a “taxi-writer”: Visual chronicles of “Taxitramas”.

Abstract: This essay represents a curatorship of the Taxitramas project, developed by the “taxi-writer” Mauro Castro. The initiative dialogues with Mauro’s literary and photographic production, both directly related to his daily work transporting people and narrating the city of Porto Alegre (RS).

Key words: Urban Anthropology; Visual Anthropology; Taxitramas; Mauro Castro.

1 - Escritor, taxista, fotógrafo. Autor do Taxitramas: <http://www.taxitramas.com.br/>



Guillermo Gómez ²

Há uma história, de que o filósofo francês Henri Lefebvre trabalhou por um curto período como taxista na cidade de Paris (Cf. (Fraser, 2015); (Lefebvre, 2003). Essa experiência produziu um ponto de vista que, de acordo com alguns intérpretes de sua obra, foi fundamental para a elaboração de um olhar dirigido ao cotidiano. A profissão de taxista, pela própria condição de se deslocar nas cidades, exige um domínio dos mapas geográficos e simbólicos e conhecimento dos trajetos, ritmos temporais e “zonas morais” (Park, 1973), o que acarreta em experienciar de forma privilegiada o fenômeno urbano.

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (Brasil), tem seu próprio escritor-taxista, Mauro Castro. Sua experiência de trabalho, constituída a partir do encontro direto com a cidade, fundamentou uma vocação narrativa que encontrou vazão no projeto Taxitramas. Iniciada como uma coluna no jornal Diário Gaúcho, e depois publicadas em livros (Castro, 2006; 2018), as narrativas de Mauro apresentam o cotidiano do taxista desde uma miríade de situações que fazem uso de distintos gêneros de escrita tais como o humor, a ironia, a crítica social e até um certo surrealismo reflexivo sobre o “ordinário” da metrópole gaúcha.

Enquanto interlocutor de minha pesquisa de doutorado, Mauro aceitou o convite de propor um ensaio/curadoria sobre seu projeto fotográfico Taxitramas[3]. O conjunto de imagens é expressão de seu talento enquanto cronista visual, partindo de reflexos que se valem dos enquadramentos proporcionados pelo retrovisor do táxi para produzir as fotografias. Esse “olhar para trás” também pode ser lido figurativamente, como ação reflexiva de fotografar aquilo que passa, imagens que constituem a memória coletiva de Porto Alegre e da sua própria biografia. Nesse ensaio, optamos por propor uma narrativa orientada por algumas categorias, que evidenciassem a diversidade que é característica do projeto de Mauro. O primeiro eixo destaca o trabalho urbano com o qual esse trabalhador/narrador se encontra nos trajetos a bordo do táxi. O segundo, envolve as múltiplas cidades dentro da cidade de Porto Alegre, paisagens marcadas pela passagem do tempo e das diferentes rítmicas e dinâmicas da urbe. Por fim, o terceiro eixo apresenta esse personagem e autor, a partir da confecção de imagens de si mesmo, mescladas com seu acervo de imagens-memória que narram não só a trajetória individual, mas a memória coletiva das transformações urbanas e da profissão de motorista de táxi.

Mauro Castro

Numa distante Sexta-feira Santa (12/04/1963), dona Ocilda, a parteira que atendia minha mãe, me trouxe à luz. Reza a lenda que não reagi. Eu só teria chorado quando meu pai mostrou-me um taxímetro, um Capelinha 4 bandeiras. O mesmo equipamento era colocado no meu berço para que seu tic-tac me ninasse nas noites insones. Daí minha sina de taxista. Mas não duvido que (quase) tudo isso seja mentira, já que a ficção está no DNA da minha família.

Muito jovem o jeito para a música, o talento para o desenho, a facilidade com as redações na escola (quem sabe será escritor?), mas o que acabou acontecendo foi mesmo o táxi. Herança do pai taxista, os carros sempre à mão, mas também a vontade de empreender, de não estar preso a um mesmo lugar, a paixão pelos carros, por dirigir, o encanto de lidar com pessoas, o dinheiro chegando rápido... Eis que acabei, mesmo, foi taxista.

Como lidar com os talentos reprimidos? Com a sensibilidade artística? Não há espaço para o lúdico na tarefa prosaica de transportar pessoas em um carro. Apenas dirigir. Apenas deslocar-se de um lugar ao outro. Foi preciso que alguém me alertasse para o circo que há em volta do volante de um táxi. Eu segui adorando escrever, segui lendo muito, sempre, tinha boas referências literárias. Foi nesse contexto que, durante uma corrida, meu passageiro, Cyro Martins, então editor do jornal Diário Gaúcho, sugeriu que eu escrevesse um diário. O diário de um taxista.

Foi assim, pelas mãos de um cliente, que acabei conseguindo um espaço semanal em um jornal de grande circulação. Uma coluna que assinei pelo espaço de doze (12) anos. Paralelo à publicação em jornal, surgiu o blog. Com o endereço virtual, a necessidade de um nome, um título, um termo auto descritivo para definir a ideia do diário de um taxista. É assim que surge o neologismo TAXITRAMAS.

Numa época anterior às redes sociais, em que os blogs eram a forma de expressão mais democrática e acessível aos escritores anônimos, acabei chamando a atenção, convidado para programas de televisão, rádio, entrevistas, matérias em nível nacional. Tornei-me uma (sub)celebridade. O que chamávamos de blogstar!

O convite de uma editora (Sulina) foi quase natural. O primeiro livro publicado nos moldes tradicionais do mercado editorial — a parcela mínima reservada ao autor — foi um sucesso. Os outros livros foram editados de forma independente. Um segundo, terceiro e quarto. O quinto livro em gestação, seguindo as mudanças/exigências/tendências, nascendo também no formato digital.

O projeto fotográfico do TAXITRAMAS surgiu em um dia específico. No momento em que parei o táxi para fazer a foto para a capa do quarto livro. O monumento do Laçador perfeitamente enquadrado no retrovisor do carro. Um clique. Uma plataforma para fotografia. Instagram. A ideia de retratar a Capital gaúcha pelo retrovisor de um táxi. Uma forma de crônica, de contar uma história, pelas imagens. Imagens de retrovisor.

Os rascunhos produzidos ao volante do táxi, uma adaptação para a TV (série em 12 episódios, direção Pena Cabreira)... Quantos projetos mais cabem dentro de um táxi? Não sei. O que importa é esse estranho DNA da ficção, da fantasia, essa herança de contador de histórias, a sina do escritor que segue inabalável qual o tic-tac de um velho taxímetro Capelinha 4 bandeiras.

Referências

CASTRO, Mauro. Taxitramas: diário de um taxista, volume 1. Porto Alegre: Sulina, 2006

CASTRO, Mauro. Taxitramas: diário de um taxista, volume 4. Porto Alegre: edição do autor, Evangraf, 2018

FRASER, Benjamim. Toward an Urban Cultural Studies: Henri Lefebvre and the Humanities. 2015

LEFEBVRE, H. Key Writings. In. ELDEN; LEBAS; KOFMAN (Orgs.). New York, London: Continuum, 2003

PARK, R.E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano In. VELHO, O. (org) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1973.











